



## Série carnavalesca — III

### Festa

VILEM FLUSSER

Qual a utilidade dos seis dias úteis? Obviamente: o domingo, o dia inútil. Eis o que confere sacralidade à festa: a sua total inutilidade. O ato inútil, absurdo, gratuito, é o ato sacral, e sacrificar significa: dar algo em troca de nada, portanto inutilidade. Aliás, não pode ser diferente. A derradeira utilidade de algo não pode, por sua vez, ser útil para algo. Senão, tropeçaríamos de utilidade em utilidade até a morte. A sacralidade é fútil, porque meta de todas as coisas úteis. Quem confere utilidade à festa, (por exemplo: distração, recuperação), desacraliza a festa, e transforma-a em feriado. Profanação é isto: ter feriados, não festas.

Festa: meta de toda utilidade. Carnaval, (para quem o festeja): meta do ano todo. Feriado: divertimento que reverte em benefício do vertimento. Carnaval, (para quem se diverte): pena que parte dele caia num week-end. (Uma medida da decadência do cristianismo é a transformação do domingo em week-end). Não devem ser confundidos os que festejam o Carnaval com os que se divertem. E como confundir quem vai à Missa com quem vai à praia.

A sacralidade ocidental é transcendente. A festa aponta o além, o fora do tempo e do espaço. Por exemplo: o sábado judeu. É ele a irrupção do além para dentro do mundo. Com efeito: o sábado é o Messias, ou o Messias é o sábado derradeiro. (Algo semelhante pode ser afirmado quanto às festas cristãs e muçulmanas). O Carnaval é diferente. Festeja sacralidade imanente. Com efeito: festeja a sacralidade dos sentidos do corpo. Paganismo? Sim, mas o termo é impreciso. Abrange fenômenos tão dispares quanto o são o fetichismo, o hinduísmo e o neo-platonismo. O paganismo do Carnaval é a orgia.

Ai de nós, ocidentais, carecemos de categorias para captar o que não é nosso. "Orgia" é termo orfíco, portanto fenômeno grego, e um descendente raquitico seu é o canto orfeônico nos orfanatos do interior paulista. Tais cantores nada têm a ver com o Carnaval que desce das favelas. O termo "orgia" sugere, mas não consegue captar, a essência carnavalesca. Aliás, nenhum termo consegue. Apenas a participação imediata o consegue. E nós, pálidos ocidentais, nunca conseguiremos participar da festa carnavalesca, por mais que entremos nela. Ficaremos parcialmente por fora. A saber: com aquela parte nossa, (outrora chamada "alma"); que aponta o transcendente. Dizem que não há "color line" no Brasil, e talvez não haja mesmo. Há isto: os que participam do Carnaval, e os que se divertem. "Color line"? (A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para "Série Carnavalesca").